

CRIANÇAS E ESCOLA: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS

CHILDREN AND SCHOOL: INTERLACED STORIES

Anna Railbot Bilé¹

¹ Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO. Professora da Prefeitura Municipal de Teresópolis.

RESUMO

O presente artigo apresenta um recorte da pesquisa realizada como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia. Trago reflexões referentes ao uso do desenho infantil como prática pedagógica, pois este é forte aliado no entendimento da imaginação infantil. Foram analisadas, além dos desenhos, narrativas de crianças como proposta metodológica, no intuito de compreender quem são essas crianças, como vivem suas infâncias e como veem a instituição que frequentam. As constatações desta pesquisa permitiram reflexões quanto às concepções de infâncias e ao papel do desenho como mediador de conhecimento e autoconhecimento e algumas considerações significativas para que o educador utilize este recurso como suporte auxiliador mergulhando no cotidiano da criança, para que ele se revele através do olhar de cada pequenino. Destacou-se também a importância de valorizar as produções infantis e a necessidade de ouvir o que as crianças têm a nos dizer, mostrando-as como seres que possuem diferentes histórias e saberes.

Palavras-chave: criança, infância, desenho, imaginação criativa.

ABSTRACT

This article presents a clipping of the research carried out as a final paper in the Pedagogy course. I bring reflections regarding the use of children's drawing as a pedagogical practice, because it is a strong ally in understanding the children's imagination. In addition to the drawings, narratives of children were analyzed as a methodological proposal, in order to understand who these children are, how their childhood lives and how they see the institution they attend. The findings of this research allowed reflections on the conceptions of childhood and the role of drawing as a mediator of knowledge and self-knowledge and some significant considerations for the educator to use this resource as an auxiliary support diving into the daily life of the child, so that he can reveal himself through the look of every little one. It also highlighted the importance of valuing children's productions and the need to listen to what children have to tell us, showing them as beings who have different stories and knowledge.

Keywords: child, childhood, drawing, creative imagination.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo trazer reflexões relacionadas ao desenho infantil, enfatizando-o como um grande estimulador da imaginação criativa. Além de discutir sobre o uso do desenho como estratégia pedagógica para melhorar o conhecimento a respeito de nossos alunos.

A escolha do tema surgiu a partir de meu interesse em desenhos. Não me considero desenhista, mas sempre gostei de produzir muitos. Acredito que através de meus desenhos consigo me expressar, pois neles coloco todo sentimento que está em mim no momento da criação. Sempre fui muito tímida e sentia dificuldade para falar em público e nenhum professor nunca me estimulou a melhorar esta situação. Mas como professora percebo que meus alunos se comunicam mais comigo e com os colegas através do desenho. Eles gostam de falar sobre suas produções, bastam ser estimulados. Com seus desenhos me contam, sem mesmo perceber, sobre suas vidas, de que brincam, com quem moram, o que fazem, entre outros.

Crianças gostam de desenhar, por isso, nunca quis utilizar o desenho de maneira banal. Com a prática do dia a dia e muito estudo notei o quanto o desenho é presente na vida de toda criança e que através de um trabalho com objetivos e da valorização de suas produções, eu conseguiria conhecer melhor meus alunos, ouvir sobre suas criações.

A criança desenha para falar e poder registrar a sua fala. A partir de estudos de importantes autores em especial Oliveira (2011) e Vygotsky (2009), constata-se a importância da valorização das produções infantis como possibilidade de compreender o que pensam sobre o mundo a sua volta.

Na pesquisa utilizei as narrativas das crianças como referências. As falas articuladas aos desenhos forneceram os dados para compreender as crianças sujeitos da pesquisa, além de permitir analisar o uso pedagógico destes mesmos desenhos para o desenvolvimento da imaginação criadora. Vale ressaltar que tais crianças são minhas alunas e que esse estudo foi realizado na Creche Municipal Doraci Dália Granito, localizada no terceiro distrito de Teresópolis (RJ 116, Km 28 – Bonsucesso). E, por isso, essa pesquisa tem uma dimensão autobiográfica. Como sujeito trago minha própria narrativa e as reflexões sobre a prática docente.

As crianças devem ser compreendidas como seres que possuem histórias e saberes e, portanto, merecem ser ouvidas. Professores, a partir dos desenhos e falas de seus alunos, podem começar a entender quem são essas crianças e como vivem suas infâncias. Ao ouvi-las, ao conviver e compartilhar com elas é possível perceber o que é dito em palavras e no silêncio. Pois, como bem diz Sahagoff (2011, p. 2), “a vida é preenchida de fragmentos narrativos, marcados em momentos históricos de tempo e espaço”.

Em uma abordagem qualitativa a narrativa é muito útil, pois neste caso a ideia é compreender, entrar no mundo da criança, perceber sua maneira de ser, agir e entender o mundo.

Os desenhos foram peças fundamentais na pesquisa e também provocadores das narrativas. “Os desenhos conjugados às narrativas, são reveladores dos olhares e concepções das crianças sobre seu

mundo social, histórico e cultural. Nas conversas com elas, o imaginário também se revela” (OLIVEIRA, 2011, p. 115).

Concepção de Infância

A concepção de infância é uma construção histórica. Por isso, é possível perceber grandes diferenças em relação ao sentimento de infância presente em alguns momentos da história. A sociedade não via a criança como um ser especial que necessitaria de cuidados. Por muito tempo eram tratadas como um adulto em miniatura. Frota (2007) afirma que, não havia distinção entre mundo adulto e infantil, as crianças viviam em meio ao universo dos adultos. Falavam e se vestiam como eles, jogavam os seus jogos e até participavam de suas festas. Seguindo a mesma linha, Sarmento aponta:

As razões sociais residem na subalternidade da infância, relativamente ao mundo dos adultos, com efeito as crianças durante séculos, foram representadas prioritariamente como “homúnculos”, seres humanos miniaturizados que só valia a pena estudar e cuidar pela sua incompletude e imperfeição. (SARMENTO, 2008, p. 19).

Com o passar dos anos houve uma significativa mudança. A sociedade começou a separar as crianças dos adultos. A criança começa a ocupar seu espaço e acontece uma consolidação do conceito de infância. Sarmento (2008) afirma que a concepção de infância apenas se desenvolveu a partir do último período do século XIX, sendo considerada fruto da modernidade. “Nunca como hoje as crianças foram objetos de tantos cuidados e atenções” (Sarmento, 2008, p. 19).

As mudanças com relação ao cuidado com a criança, ocorrem com a interferência dos poderes públicos e com a preocupação da Igreja em não aceitar passivamente o que antes era tolerado. E pelas instituições escolares que durante muito tempo se organizavam com o objetivo de cuidar.

As crianças são seres que necessitam dos cuidados dos adultos. Em sua interação recebem estímulos para a integração social, compreendidas como crença, valores, conhecimentos e pautas de conduta. Vygotsky (1979 *apud* Sarmento 2008, p. 29) enfatiza o papel das crianças na aquisição da sua cultura social de pertença, através da internalização dos valores sociais e do desenvolvimento das capacidades linguísticas, com incorporação dos elementos simbólicos plasmados na linguagem.

Com o passar dos anos a criança se torna objeto de diferentes estudos. Frota (2007) diz que independente da forma como era olhada, do posicionamento teórico que se tivesse sobre ela, a infância tornou-se visível como um estatuto teórico. Assim passa a ter grande importância na sociedade moderna. A criança começa a ser compreendida com suas características e necessidades próprias, sendo vista como ser social, como presença e não como falta, como força e não como incapacidade. Desta maneira Sarmento (2008, p. 42) aponta que “a infância já não é objeto, mas sujeito, já não é mais pensada, mas pensante e agora a infância é pensada pela própria infância”.

A infância é o primeiro estágio do desenvolvimento, todos passamos por ela, cada qual, da sua maneira. Sarmento (2008, p. 50) afirma: “Devir criança não é se tornar uma criança, mas se encontrar no

tempo da infância”. Por isso, adultos e crianças devem compartilhar suas experiências, seus mundos, modos de ser e pensar. Cabe a cada um despertar a criança que mora dentro de si.

Crianças são autênticas, não vivem isoladamente, as crianças falam não só de seu mundo, mas do mundo adulto, da sociedade, de tudo que a cerca. Sarmiento (2008, p. 171) diz que “conhecer a infância e as crianças favorece que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que ele produz (e que o produz)”. Uma das grandes potencialidades do ser humano é a criticidade. Ser crítico vai muito além de questionar, ser crítico é ter a capacidade de pensar para além daquilo que lhe está sendo apresentado, significa questionar, mas analisar de forma racional e inteligente. O olhar crítico desvenda as entranhas da realidade.

Quem vai querer ler nossa voz?

Nossa memória é seletiva, lembramos de algumas coisas e esquecemos de outras. O importante é aquilo que a pessoa viveu e registrou de sua história. Desta forma a narrativa é considerada uma representação ou interpretação do mundo que se vive. Muylaert (2014, p.195) diz que as narrativas “não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio-histórico”.

As entrevistas geram histórias e, por isso, devem ser bem analisadas, levando em consideração tom de voz, pausas, mudanças na entonação, expressão etc. Muylaert (2014) diz que o silêncio também conta, pois pode ser transformado em narrativas não ouvidas. Todo o contexto é válido e deve ser analisado, explorando o que é dito e como é dito, pois são nas histórias narradas que “estão escritas as marcas da vida cotidiana” (OLIVEIRA, 2011, p. 61).

Para pesquisar e melhor conhecer o mundo de vida das crianças é necessário construir uma relação de confiança e isso implica conhecer e compreendê-las, percebendo as relações que estabelecem, seu lugar e suas experiências. E, assim, fazer um entrelaçamento entre os diferentes sujeitos da pesquisa, sendo esses, meus alunos e eu.

Sou professora no turno da tarde da escola onde desenvolvi a pesquisa. Todos os dias acordo cedo para me organizar. Ao chegar sinto-me renovada. Sou sempre recebida com abraços, sorrisos e por vezes ganho flores colhidas no jardim da escola ou trazidas de casa. Confesso que antes de trabalhar na Educação Infantil, dizia não gostar de flores. Hoje as vejo de outra forma, consigo reparar sua delicadeza, ao enfeitar uma mesa ou ao compor um jardim. Sinto seu cheiro e vejo o quão valiosas são aos olhos de uma criança.

A localidade onde a escola está inserida vive basicamente da produção de hortaliças, sendo constituída por proprietários das terras e empregados, aqui chamados de meeiros. Desta forma a maioria dos alunos é de filhos de produtores rurais, filhos dos proprietários das terras ou filhos dos meeiros, o que aparentemente não muda em nada na relação entre as crianças. Todas são únicas e para elas não importa se o pai é dono ou empregado das terras. Elas querem estar ali, fazer amigos, ser feliz sem preocupação

com as diferenças econômicas. Todas brincam juntas. Umas com brinquedos industrializados, outras com brinquedos criados por elas próprias. Vygotsky (2007) diz que, a criança consegue imaginar uma situação, desligando-se do mundo material, do qual tem contato, desenvolvendo assim capacidade de se desprender do real significado do objeto. Nesse momento, um pedaço de madeira passa a ter outro sentido, indo além do seu aspecto e significado concreto. Uma caneta pode virar um avião, um chinelo a trave de um gol.

Nas infâncias aqui vividas, há brinquedos de todos os tipos, desde os industrializados até as bonecas feitas de espiga de milho e carrinhos de latas de leite. Algumas crianças correm pelo grande jardim de casa, outras correm as margens das lavouras. Algumas se balançam em balanços fabricados e outras em balanços de pneus pendurados em árvores próximas as plantações, improvisados pelos pais que precisam que os filhos não “deem trabalho” para que possam cuidar da lavoura. Independente do brinquedo, da classe econômica, da situação e circunstância, todos brincam, correm, se divertem e assim, vivem suas infâncias.

Ao desenharem sobre suas vidas as crianças contam sobre seus responsáveis, suas brincadeiras e brinquedos, seu lugar, seus animais, viagens, passeios e no fim sempre chegam à escola. Percebe-se claramente a presença da escola em suas vidas. Algumas crianças falam como se fosse “obrigação” e outros como a melhor parte do dia:

- Eu não gosto de vir para a escola, eu prefiro minha casa lá tem minha mamãe. (Miguel, 5 anos)
- Ah tia! Eu amo vir pra cá, porque eu brinco, fico com a senhora, aprendo e a merenda é uma delícia! (Yasmin, 5 anos)

Mesmo com diferentes opiniões, a escola de alguma maneira faz diferença em suas vidas. Ter a experiência de ouvir as crianças tem sido mágico. Percebo o quanto elas têm a me dizer e me ensinar. Seus desejos, sonhos, opiniões, questionamentos e curiosidades. As crianças gostam de ter voz, elas se sentem capazes, autônomas, prontas para falar por si e sobre si.

É importante compreender o olhar das crianças, e, ao mesmo tempo, aprender com elas a olhar o mundo à sua volta, a partir de seus olhos. Muitas vezes, é por meio do olhar que elas expressam sentido e sentimentos. (OLIVEIRA, 2011, p. 102).

Quem são estas crianças? Quem são estas famílias? Seu contexto social? Como é a vida destas crianças fora da escola? Com estas perguntas fui procurar mais informações sobre suas relações.

Todos os dias estimulo que desenhem e sempre conversamos sobre os desenhos. Já virou costumeiro em nossa sala! Como bem aponta Vygotsky (2007) o desenho pode ser aplicado como um suporte pedagógico para conhecimento do aluno e esses mesmos desenhos podem ser utilizados para o desenvolvimento da imaginação criadora. Por isso é tão necessário que haja uma valorização das produções infantis. Assim, com estímulo a criança continuará desenhando e dificilmente perderá o gosto pela prática artística.

Num certo dia, pedi que desenhassem sobre suas atividades antes de vir estudar, logo escuto:

- Tia então eu vou desenhar que eu só acordo? Como é isso? (João Marcos, 5 anos)

As crianças se envolvem na discussão e todas falam ao mesmo tempo “*eu brinco*”, “*eu também só acordo*”, “*eu cuido do meu irmão*”, “*eu fico na roça*”, “*eu brinco de boneca*”, “*eu arrumo casa*” ... E nos embalos desse falatório começam a surgir seus lindos desenhos.

Uma criança com lápis e papel tem o mundo em suas mãos. Principalmente na Educação infantil, onde a criança desenha para falar e poder registrar a sua fala. Neste sentido, a criança cria e com o tempo suas produções vão ganhando detalhes. O desenho é um instrumento valioso...

Organizo uma roda e estímulo para que todos falem sobre seus desenhos.

- Vocês precisam falar um de cada vez, senão fica complicado para entender. (Anna Karoline)

Por que fica complicado? (Ítalo)

- Porque a tia vai gravar a voz de vocês aqui no celular. (Anna Karoline)

- E dá para fazer isso? (Antônio)

- Dá sim, seu burro, minha irmã faz isso sempre no “zap zap” dela. (Guilherme)

- E para que vai ficar com a nossa voz aí? (Sofia)

- Porque eu ainda estudo e vou escrever o que vocês vão falar para outra pessoa ler. (Anna Karoline)

- Quem vai querer ler nossa voz? (Miguel)

Com essa última fala posso refletir sobre a invisibilidade da infância perante a sociedade e como isso é encarnado. Foi então que percebi que meu movimento principal é exatamente esse. Quando me sento no chão e faço rodas de conversas, quando peço que me contem seus desenhos, que falem, se expressem, quando ouço meus alunos e me ponho de igual para igual com eles, eu estou dando voz a eles. Estou possibilitando que eles fiquem visíveis, se sintam à vontade para falar e perceber que são seres participantes com opiniões e sentimentos.

É necessário ter um olhar e uma escuta sensível para entender a linguagem para além do que está sendo dito, mas como bem cita Kramer (2011) o adultocentrismo e a invisibilidade das crianças muitas vezes predominam e os limites impostos pelos adultos às crianças, cercam as interações, limitando as brincadeiras e restringindo as ações.

Ao notar que há uma necessidade de expressão, mas que todos falando juntos ficaria inviável de compreender, proponho uma brincadeira, “seu mestre mandou”. Expliquei a brincadeira e disse que assim todos iriam falar, mas tinham que respeitar a ordem do “mestre” e a vez do amigo. “Seu mestre mandou Ana Julia contar sobre seu desenho”, “mandou Miguel”, e assim consegui seguir com a pesquisa.

Dentre tantas falas destaco aqui realidades distintas, contextos sociais dessemelhantes, infâncias vividas de modos completamente diferentes, mas com uma coisa em comum, a brincadeira.



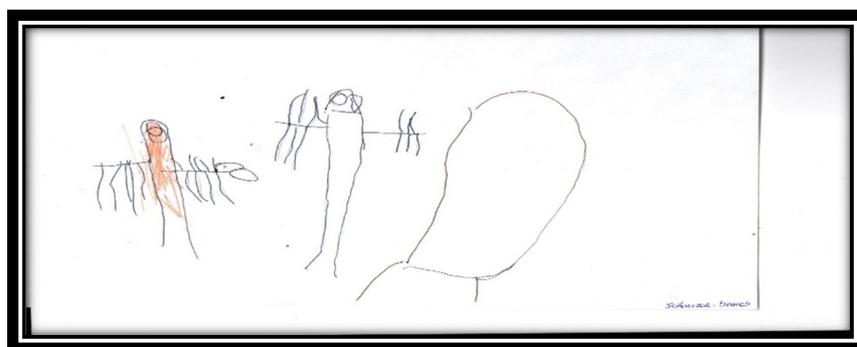
(Ana Julia – 5 anos)

- Olha tia eu desenhei o que a senhora pediu, tudo que eu faço antes de vir para a escola. (Ana Julia)
- Então me conte sobre seu desenho? (Anna Karoline)
- Tá vendo esse aqui marrom? Então, é minha casa. Lá tem um quintal grande e eu gosto, mas eu estou dentro porque eu estou acordando. (Ana Julia)
- É? E essa aqui é você? (Anna Karoline)
- Sim tia, sou eu fazendo o que eu faço todo dia antes de vim ficar com a senhora, me balanço e balanço e balanço, meu pai me deu esse balanço novo no meu aniversário. (Ana Julia)

Rikelme (5 anos) interrompe a amiga e diz ter um balanço também, mas que o dele é diferente, porque “*não é comprado com dinheiro*”.

- Ih tia! Eu tenho balanço também, mas o meu mamãe fez, ela amarrou uma corda na árvore e colocou um pedaço de pau, ai eu balanço também e nós lá de casa fica tudo junto na roça. (Rikelme)
- Eu sei, seu pai trabalha lá em casa. (Ana Julia)
- Mas a tia não sabia ué. (Rikelme)

Todos entram no embalo dessa conversa e dizem que tem balanços, e até os que não tem dizem ter por que “*aqui na escola tem*” e todos podem usá-lo. No dia a dia dessas crianças o brincar se destaca, é como se fosse algo único e essencial na vida delas. No brincar a criança se sente livre, imagina, sente, sonha e explora o mundo ao seu redor. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (WINNICOTT, 1975, p. 88).



(João Victor – 5 anos)

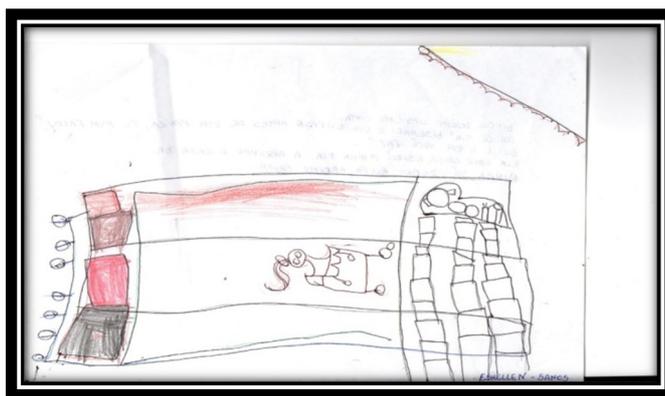
- Olha tia o meu. (João Victor)
- Que lindo! E aí? Me conta mais sobre seu desenho. (Anna Karoline)
- Olha tia, eu desenhei que eu só brinco mesmo. (João Victor)
- Mas brinca onde? Brinca de quê? (Anna Karoline)

- Eu brinco aqui, na estufa. Lá em baixo na beirinha tem espaço eu corro e brinco de zumbi, de polícia, de um monte de coisa! (João Victor)
- E porque você só brinca lá em baixo? (Anna Karoline)
- Porque no meio dos canos não pode né. (João Victor)
- Por quê? (Anna Karoline)
- Machuca a planta que minha mãe vende e pode quebrar as coisas lá. (João Victor)
- E essa outra pessoa aqui? (Anna Karoline)
- É minha mãe trabalhando, agora eu moro só com ela. (João Victor)

Todos falam sobre suas famílias e com quem moram. “*Eu moro com minha mãe e meu pai*”, “*eu moro também*”, “*eu com minha avó*”... Até que alguém que diz “*eu moro com minha mãe e a namorada dela*”. Por um instante a sala fica em silêncio. Até que...

- Tia isso pode? (Sofia)
- Olha, existem muitos tipos de família. Família de papai e mamãe, de vovó e vovô, de tios, de mãe e mãe, um monte! A gente tem que se respeitar e ver que nenhuma família é igual a nossa. A nossa família é sempre única. (Anna Karoline)
- Mas não é errado? (Sofia)
- Não, lá em casa não tem nada de errado. Minha mãe agora é “sapatão” e só! (Pierre)
- É o que? (Miguel)
- Ué foi meu pai que disse! (Pierre)

Todos riem. E por um momento mais uma vez o silêncio se instala. Eu, como professora, confesso ter ficado sem reação. Calei e por um instante passou um turbilhão em minha cabeça, percebi que aquilo não poderia ter passado, mas eu não sabia o que falar, ou melhor, como falar, pensei “são crianças de apenas 5 anos de idade, como vou explicar?”. Hoje, ao escrever entendo que nós, educadores, não podemos desconsiderar esse tipo de fala, temos que ter uma reação, saber o que falar, o que fazer. Ao compreender a importância de não ignorar vi o quanto preciso fortalecer meus conhecimentos teóricos e filosóficos para saber discutir tais assuntos.



(Eshellen – 5 anos)

- Nossa que desenho lindo, me conta? (Anna Karoline)
- Ué tia, eu desenhei o que eu faço antes de vir para cá, tu não falou? (Eshellen)
- E o que você faz? (Anna Karoline)
- Eu lavo louça, ajudo minha tia a arrumar a casa da minha vó, dobro roupa, arrumo cama, me arrumo sozinha porque eu já sei, e venho. (Eshellen)
- Nossa! Você faz isso tudo? (Anna Karoline)
- Uhum! E eu brinco também né tia! Brinco aqui e lá em casa. (Eshellen)

- E não fica cansada? (Anna Karoline)
- Não tia! Eu já sou grande. (Eshellen)
- E gente grande não cansa? (Anna Karoline)
- Não! (Eshellen)
- É? (Anna Karoline)
- Uhum, só quando fica velho com cabelo branco. (Eshellen)

A criança desenha aquilo que lhe interessa, que vive ou viveu, aquilo que sabe ou pensa sobre determinado assunto. A imaginação amplia a experiência da criança. Ao desenharem e narrarem seus desenhos, as crianças contam sobre sua vida, seu cotidiano, suas famílias, brincadeiras, histórias e experiências.

Conjugados às narrativas, os desenhos possibilitam compreender a percepção que as crianças têm do mundo que as rodeia, ou seja, os significados que vão atribuindo aos objetos da cultura. (OLIVEIRA, 2011, p. 115).

É importante destacar que em todas as falas, as crianças revelam a necessidade do brincar e mesmo para aquelas que tem que ir para as lavouras junto com seus pais, a brincadeira se faz presente.

- Eu puxo a borracha para minha mãe e acho legal porque a roça molhada fica escorregando, a gente fica sujo aí pode brincar na lama. (Luana – 5 anos)

Vygotsky (2007) diz que o brincar é necessário pois é uma atividade humana criadora, onde a experiência, a imaginação, a fantasia e a realidade interagem na produção de novas possibilidades, novas chances de interpretação, de expressão, de ação, de relações sociais.

Enfim, na brincadeira, assim como no desenho, a criança se expressa, cria, reinventa e se diverte. Vygotsky (2007, p.109) diz ainda que, “o brincar da criança é a imaginação em ação”. Tudo é uma questão de acúmulo de experiência, até porque, sem a experiência anterior, não poderíamos fazer combinações e criar algo novo. É combinando o velho de novas maneiras que temos a nova criação.

A escola a partir do olhar da criança

Entender a escola a partir do olhar da criança é um grande desafio. Eventualmente a fala de crianças pode ser ignorada, como se não tivessem a menor importância, muitas vezes por ainda serem consideradas pessoas que não “sabem nada” ou sem “experiências”. Acredito que a criança é capaz de falar por si própria na tentativa de produzir efeitos e, a partir da maneira pela qual percebem a escola, quem sabe, contribuir para mudanças significativas em prol da instituição, da conduta do professor, da rotina e até da própria criança.

Desde que comecei a atuar na área da educação tenho a preocupação em saber e entender o que meus alunos querem dizer. Para conseguir compreendê-los melhor sempre usei o desenho como recurso pedagógico, pois a partir destes percebo pistas sobre seu modo de pensar, sua realidade e sua visão de mundo.

Para a criança o ato de desenhar representa a expressão de uma ação pensada. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (Brasil, 1998), o desenho como linguagem indica

signos históricos e sociais que possibilitam ao homem significar o mundo. Portanto o desenho infantil pode ser dotado de significados.

Quando compreendemos os desenhos infantis conseguimos acompanhar os avanços em relação à construção do pensamento da criança. É a partir do desenho e das questões levantadas que aprendemos a perceber muitas coisas que nossos alunos querem dizer. Evitando, assim, fazer interpretações errôneas.

O ser humano consegue representar inúmeros fatos, mesmo sem tê-los vivido, pois tem ideias, imaginam como pode ser. Vygotsky (2009) diz que nosso cérebro não é apenas um órgão reprodutor, onde guarda e reproduz aquilo que já passou, mas sim aquele que combina o que já sabemos com o que imaginamos, reelaborando, de forma criadora, elementos de uma experiência passada, construindo novas situações e novos comportamentos.

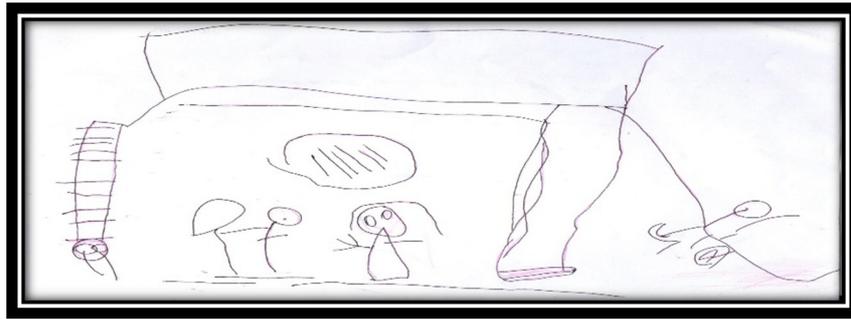
A criação existe na vida de todos, e esta é uma condição necessária na vida de qualquer ser humano, principalmente nas crianças para seu desenvolvimento. Não é necessário criar algo valioso, histórico, grandioso, na verdade qualquer “grão” é válido, pois imaginamos, pensamos, refletimos, modificamos, acrescentamos e pronto, criamos algo novo. Tudo que nos rodeia é produto da criação e imaginação do ser humano.

Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam em suas brincadeiras. A criança que monta um cabo de vassoura e imagina-se cavalgando um cavalo; a menina que brinca de boneca e imagina-se a mãe [...] Todas essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e verdadeira criação. É claro que, em suas brincadeiras, elas reproduzem muito do que já viram. (VYGOTSKY, 2009, p. 16).

A criança cria o tempo todo na brincadeira, no desenho, nas histórias e em diferentes atividades. É fundamental que as escolas, os educadores pesquisem mais sobre a questão da imaginação, valorizando mais as criações das crianças. Assim como o cinema vem tentando ser mais valorizado por educadores é importante também a valorização da criação infantil. É necessário evitar passar desenhos livres, sem intenção, somente quando não se tem o que fazer. Por trás de algum aluno pode haver um grande artista. E por que não valorizar a imaginação criadora da criança? O ensino deve ser sempre cuidadoso, deve permitir que a criança, a partir de sua visão de mundo e sua cultura consiga se expressar.

Ocupar as crianças com atividades de desenho livre sem que estejam articuladas a um trabalho pedagógico ou como produção artística pode banalizar o desenho e este deixa de ser um instrumento estimulador da imaginação infantil (OLIVEIRA, 2011, p. 117).

O desenho como suporte pedagógico pode ser um grande auxiliador na relação professor e aluno, no conhecimento da escola, das relações que ali são construídas.



(Giovanna – 5 anos)

- Fala para a tia, Giovanna? (Anna Karoline)
- Eu desenhei o que eu fiz. Balancei no balanço, “coisei” na gangorra, subi e desci a escada e o escorregador. (Giovanna)
- E essas pessoas? (Anna Karoline)
- Somos nós tia! Eu gosto de nós brincando junto. (Giovanna)

A criança desenha o que pensa, o que já viveu, o que está vivendo, o que imagina, em resumo, as coisas que lhe cercam. Aí está a importância de ouvi-las. Dar voz as crianças é o grande desafio da educação.

É através dos desenhos que me relaciono de maneira mais aberta com meus alunos. Estabelecendo respeito e confiança, ouvindo o que tem a me dizer, vou conseguindo tirar a timidez de algumas crianças, o medo do adulto, conquistando e conhecendo um pouco mais a vida e as relações daqueles a qual estou formando.

Destaco a importância de planejar com as crianças, e não para elas. É necessário conhecê-las e assim poder organizar um trabalho pedagógico que irá conseguir ajudá-las a desenvolver a inteligência, a criatividade e a capacidade de se relacionar. A Giovanna em seu desenho diz gostar de brincar junto com a professora e os colegas, e porque não aproveitar essa informação da aluna? Criar mais momentos de gincanas e brincadeiras, onde todos brinquem, imaginem, aprendam, cresçam e compartilhem juntos.

Vygotsky (2009, p. 28), traz a lei da realidade emocional da criatividade, dizendo que a imaginação influi no sentimento e vice e versa. Toda criação tem um vínculo forte com as emoções, fazendo-nos perceber no momento, o estado de ânimo de quem cria. Neste processo é importante considerar o todo, e isso quer dizer, as experiências, as ideias, os pensamentos, as emoções, os sentimentos e o contexto histórico-cultural.

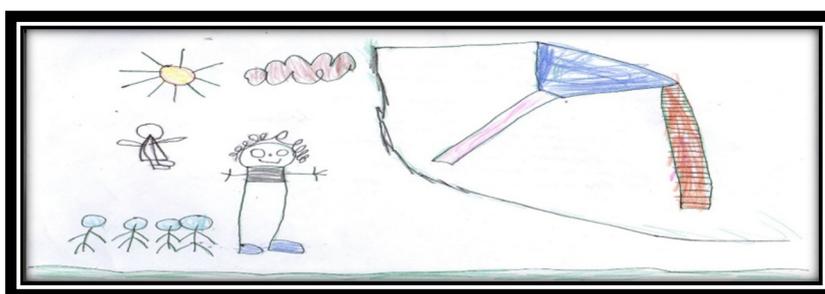
Em cada etapa de seu desenvolvimento a criança cria de maneira peculiar. Isso porque ela necessita da experiência anterior para a criação de algo novo. E essa experiência cresce gradativamente.

O desenho é um aspecto fundamental na atividade criadora da criança. Vygotsky (2009) diz que, na infância a criança desenha com muita vontade, e por vezes sem ser estimuladas por adultos, basta um pequeno estímulo e pronto, começam a desenhar. Nesta fase o desenho, normalmente, é a atividade preferida dos pequenos. A criança desenha de memória, desenha o que sabe, o que vive ou viveu, desenha o que é essencial, o que imagina sobre. Experiência e imaginação criadora estão interligadas. “A criação ensina a criança a identificar sua capacidade criadora na construção da vida social” (VYGOTSKY, 2009,

p. 121). Contudo, vemos o quanto é relevante cultivar a criação na infância. E ouvir sobre suas produções é simplesmente fabuloso.

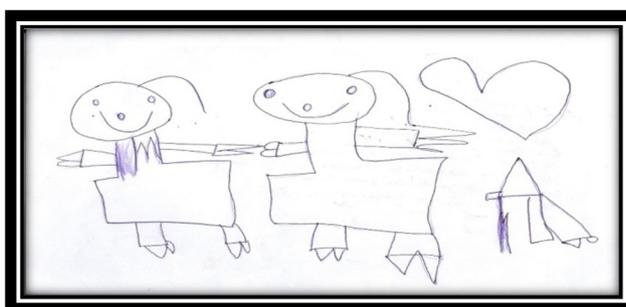
É indispensável que eu, enquanto professora, saiba como essas crianças vivem suas infâncias fora da escola. Porém, é mais essencial ainda, saber como elas veem a instituição que frequentam, qual seu olhar sobre a escola, sobre o estar na escola.

Com tantas ideias passando pela cabeça proponho uma atividade. Levei as crianças ao parque, preparei um circuito, brincamos bastante e depois deixei-os bem à vontade. Ao voltarmos para a sala me pedem para desenhar sobre nosso dia e assim foi feito, sem que percebessem foram me contando como veem a escola, a professora e as atividades.



(Matheus – 5 anos)

- Esse é nosso parque tia. Eu gosto de ficar lá. (Matheus)
- É? E porque você desenhou ele? (Anna Karoline)
- o parquinho é maior legal, hoje estava sol e até isso eu desenhei. Eu brinquei de correr, balançar, corri e pisei na água e você nem brigou - Risos. (Matheus)
- E você gostou de desenhar isso tudo? (Anna Karoline)
- Eu gosto de desenhar tia, mas desenhar o que a gente faz, aqui eu desenhei a casa do parque, o escorrega, o ferro e a escada também. (Matheus)
- É? E quem são estes? (Anna Karoline)
- A grande é você, esse aqui sou eu e os amigos. (Matheus)

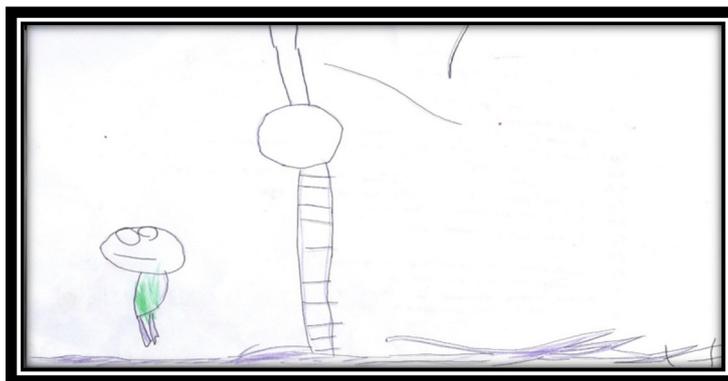


(Ana Julya – 5 anos)

- Olha o meu tia! (Ana Julya)
- Que bacana, você também gosta de ir ao parque? (Anna Karoline)
- Eu adoro! (Ana Julya)
- É? Porque? (Anna Karoline)
- Porque sim ué! (Ana Julya)
- E essas pessoas? (Anna Karoline)
- É eu e você. (Ana Julya)
- Porque me desenhou? (Anna Karoline)
- Porque você brinca com a gente e eu te amo ué! (Ana Julya)
- E o parque? (Anna Karoline)

- Eu não vou desenhar, eu não consigo, não vai ficar igual. (Ana Julya)
- Desenha do seu jeito! (Anna Karoline)
- Eu não, ninguém vai gostar. (Ana Julya)
- Eu vou amar. (Anna Karoline)
- Tá, vou ver o que eu faço. (Ana Julya)

Aqui podemos perceber como os adultos exigem da criança um desenho perfeito, com as mesmas características dos modelos que apresentam, desconsiderando a individualidade, a produção, a imaginação. Com isso a criança começa a exigir de mais de si, e inibe suas próprias capacidades. É necessário que encontrem estímulos para sua própria criação para que não se vejam no papel de ter que seguir corretamente o que lhe é imposto.



Rikelme (5 anos)

- Fala para a tia Rikelme? (Anna Karoline)
- Eu desenhei nós brincando, fiz a nuvem e eu brinquei de correr. (Rikelme)
- É? E você gosta de correr muito? (Anna Karoline)
- É! Eu gosto de ir no parque, gosto de brincar lá! (Rikelme)
- E você vem para a escola só para brincar? (Anna Karoline)
- É, mas eu estudo também ué. (Rikelme)
- E em casa você brinca? (Anna Karoline)
- Sim, as crianças todas brinca né? Eu corro na lavoura e no mato. (Rikelme)

A brincadeira, assim como a criatividade, fica bem visível nas produções das crianças, em especial através dos desenhos que são pedagogicamente ricos, pois por meio destes elas revelam suas visões de mundo e se expressam. A criança está ali, desenhando com a finalidade de poder registrar sua fala. O contato com os colegas e a professora pode ser muito enriquecedor, pois ela é estimulada a ver e pensar sobre suas produções e dos outros.

O desenho sempre ficou em evidência em minha prática docente, a inserção deste meio pode intencional e favorecer o desenvolvimento da criança na linguagem oral, escrita e visual, podendo também ser um instrumento de investigação e exploração de vários aspectos que são presentes no cotidiano. Como bem aponta Silva e Santos (2013), é necessária uma prática docente que tenha em vista o desenvolvimento integral da criança. Inserir o desenho como estratégia pedagógica é uma ação que envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

O desenho infantil precisa ser mais conhecido, valorizado e compreendido pelos docentes que muitas vezes veem esta produção como passatempo.

Ao observar o desenho e ao ouvir a fala de uma criança, podemos aprender muito sobre o seu modo de pensar, suas atitudes e comportamentos, pois estes surgem da criatividade da criança que expõe seus sentimentos, mostrando seu mundo interno.

Considerações Finais

Este artigo apresentou um recorte da pesquisa desenvolvida, enfatizando a importância dos professores compreenderem as infâncias e as crianças para que possam realizar uma prática que as considerem como sujeitos dos processos pedagógicos.

Enfatizei o desenho como elemento expressivo que revela sentimentos, capacidades, ideias, situações de seu cotidiano e emoções, mostrando-o como estratégia pedagógica na educação infantil, também na perspectiva de conhecer melhor a criança e contribuir na atuação docente para assim realizar o processo de intervenção necessária.

A partir deste estudo e das reflexões feitas a partir do uso de desenhos na prática pedagógica, percebo que alguns aspectos em minha prática docente foram modificados. O mundo das crianças é construído a partir de sua interação com os adultos e com as crianças com quem convivem (OLIVEIRA, 2011).

Além de dar continuidade ao meu trabalho em relação à valorização dos desenhos infantis, pude melhor compreender a necessidade de ouvir mais meus alunos, buscando estar atenta para suas falas, seus sinais de que precisam de ajuda, de atenção ou de que está tudo bem.

Entendo o quanto é importante que eu, como educadora, saiba o que sentem, o que se passa. A palavra acolhe, mas também pode afastar, só ouvindo meus alunos e entendendo quem são, conseguirei rever minhas falas, ações e práticas e assim, poderei melhorar. Ao ser ouvida a criança expõe suas ideias, seus anseios, suas alegrias, se sente com importância, com voz, ser participante. Somos feitos de sentimentos e emoções e não podemos esquecer isso.

Como bem diz Vygotsky (2007) Ao desenhar e falar sobre sua criação a criança se relaciona com o outro, e vai desenvolvendo suas habilidades. Algumas vão perdendo aos poucos a timidez. Desta forma o desenho ganha importância no desenvolvimento do sujeito. Na relação com o outro a criança constrói conhecimentos.

Escutar uma criança é permitir que ela seja autônoma, capaz de falar por si e sobre si. Ao ser ouvida a criança se sente valorizada, reconhecida, importante, e isso é fundamental para seu desenvolvimento. O mundo pode ser mais belo se pensado junto com as crianças, então vamos ouvi-las, sempre e mais! Com delicadeza, paciência e atenção.

As crianças têm muito a nos ensinar, pois veem o mundo com um olhar mais sensível. Amam, desculpam com facilidade, fazem amizades, abraçam, beijam, não ficam guardando rancor, e apesar das circunstâncias da vida, todas brincam e sorriem e nos arrancam sorrisos inesperados.

Certamente ainda há muito a estudar, principalmente quando falamos de crianças. Cada vez mais venho tentando aprimorar meus conhecimentos acerca disso, pois pedagogicamente falando, consigo compreender o desenho como meio eficaz no desenvolvimento integral da criança.

Referências

- FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções de infância e adolescência**: a importância da historicidade para sua construção. *Estud. pesqui. psicol.* v.7 n.1 Rio de Janeiro, junho/2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S18007000100013&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- KRAMER, Sonia; et al. **Infância e crianças de 6 anos**: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.37, n 1, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2017.
- KRAMER, Sonia (org.). **Retratos de um desafio**: crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009.
- MUYLAERT, Camila Junqueira. **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf>. Acesso em: 03 out. 2016.
- OLIVEIRA, Maria Terezinha Espinosa de. **Crianças Narradoras e suas vidas cotidianas**. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa narrativa**: uma metodologia para compreender a experiência humana. Centro Universitário Ritter dos Reis. *SEPesq/2015*. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf>. Acesso em: 03 out. 2016.
- SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs). **Estudos da Infância**: Educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SILVA, Maria Rita Santos; SANTOS, Adriana Souza. **O desenho como estratégia pedagógica na educação infantil**. Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9023_6059.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2017.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.
- WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago editora LTDA, 1975. Disponível em: <http://www.necpar.com.br/uploads/material/487o_brincar_e_a_realidade.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2017.